

ENTREVISTA COM TITO BARROS LEAL¹

Entrevistadores:

Francisco Jucélio Costa da Silva²

Malaquias Moreira de Sousa³

Vanessa Mendes Lima⁴

Transcrição:

Sabrina Menezes da Silva⁵

Tito Barros Leal é Historiador e Professor Adjunto - Nível J, do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (CE). É Doutor em História (Especialidade de História e Cultura do Brasil) pela Universidade de Lisboa (2014); Mestre em Filosofia (Ética) pela Universidade Estadual do Ceará (2009); Especialista em Estudos Clássicos (2005); Bacharel e Licenciado em História (2003) pela Universidade Federal do Ceará. Foi Vice-Presidente da Associação Nacional de História (ANPUH-BRASIL) na gestão de 2019 a 2021. É tutor do Programa de Educação Tutorial (PET/História - UVA). Com experiência nas áreas de História Antiga (principalmente Grécia Clássica), História Medieval (principalmente medievo ibérico) e Teoria da História. Pesquisa no campo da História Cultural, dedicando-se às interrelações entre História e Literatura e às manifestações da Cultura (dita) Popular.

¹ Entrevista realizada, virtualmente, no dia 23 de agosto de 2024, como atividade do grupo PET/MEC de História da FAFIDAM/UECE. A atividade visava à realização de entrevistas com historiadores cearenses, de diferentes vinculações teórico-metodológicas, com a finalidade de registrar suas trajetórias acadêmico-profissionais, sobretudo no campo da pesquisa e do ensino.

² Graduado no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0513131868466260> Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4574-1004> E-mail: francisco.jucelio@aluno.uece.br.

³ Graduado no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9972038887789023> Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2690-7943> E-mail: malaquias.sousa@aluno.uece.br.

⁴ Graduada no curso de Licenciatura em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9532047924967009> Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1771-6790> E-mail: mendes.lima@aluno.uece.br.

⁵ Aluna do curso de Licenciatura em História, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/Universidade Estadual do Ceará, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC) de História FAFIDAM/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2740945597800815> Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0009-4759-3839> E-mail: sabrina.menezes@aluno.uece.br.

1 Primeira parte: trajetória pessoal

*VM: Estamos iniciando mais uma atividade do PET de História da FAFIDAM, intitulada **Entrevista com Historiadores Cearenses**. Hoje, estamos com a presença do professor Dr. Tito Barros Leal. Professor. Seja muito bem-vindo, é uma honra para nós tê-lo conosco nesta tarde. Como o intuito é uma entrevista, então nós iremos nos apresentar para a gente se familiarizar, está bom? Eu me chamo Vanessa Mendes Lima e meus colegas são Malaquias Moreira de Sousa e Francisco Jucélio Costa da Silva. Vamos iniciar com a primeira pergunta: Bem, inicialmente, gostaríamos que o senhor falasse sobre sua infância e adolescência, sua família e sobre sua vida escolar.*

TBL: Eu nasci em 2 de dezembro de 1978, sou filho de uma família de... Minha mãe é uma técnica da educação, uma pessoa formada em Pedagogia, técnica da educação e militando sempre pela escola pública, atuando, muitas vezes, na política educacional do Estado do Ceará. Meu pai é um intelectual, a primeira formação dele foi em Direito, depois ele abandonou a carreira advocatícia e fez mestrado e doutorado nas Letras e assumiu posição como professor universitário na UFC no Departamento de Literatura. Portanto, sou filho (...), eu nasci numa família de pessoas escolarizadas, sempre tive acesso a livros; e, meu avô materno, por exemplo, era um intelectual, também, aquela intelectualização do século XIX, sabe? Aquele cara que falava muitas línguas, lia muitas histórias, era o grande... Aquele ideal de culto, enfim. Talvez isso seja uma questão de memória e não propriamente de história aqui, né? O meu vô faleceu, era muito novo, eu tive pouco contato com ele, mas o contato que eu tive foi de admiração, muita admiração.

Minha família sempre esteve envolvida com estudos e com a política. Meu pai foi preso político na ditadura, minha mãe ajudou muitos amigos colegas, também presos na ditadura, levava banana e farinha para eles poderem comer, enfim. Recebi o nome de Tito em homenagem ao Frei Tito de Alencar que era um amigo-irmão do meu pai e assim eu fui crescendo nesse ambiente. Apesar de todas essas possibilidades que a vida me deu, até o final do Ensino Fundamental eu não era um grande apreciador das artes do estudo não, na verdade eu era muito, como diz um outro, “muito mais ou menos”.

Eu tive educação numa escola que hoje já não existe mais, lá em Fortaleza, o Instituto Educacional de Alencar, a Escolinha, a gente chamava de escolinha porque era a escola dirigida pela professora Nildes Alencar, a tia Nildes, irmã do Frei Tito de Alencar. Ela sempre me teve muito apreço, teve um carinho sempre muito grande por mim e lá eu estudei até a 8ª série, da alfabetização até a 8ª série. Atualmente, 8ª série deve ser o 9º ano. E, de graça, né? Ela me deu esses estudos e eu não queria muito saber de estudo não, eu fui... eu nunca digo que fui reprovado. Eu sempre digo que eu revi meus conhecimentos e ampliei meus círculos de amizades duas vezes. Quando eu ia para a terceira vez, aí ela me chamou para conversar e disse: “o que é que tá acontecendo?” Isso já na 8ª série. Eu disse que eu tinha algumas dificuldades com matemática, de fato tinha e ela disse: “Mas eu acredito em você e você vai ser aprovado”. Eu acho que aquilo me deu um choque de realidade, porque, apesar de criança, eu já entendia que ela estava colocando a reputação dela em risco, ela estava apostando em mim, mesmo eu não merecendo. E eu disse para ela: “professora, não se preocupe, a partir de agora eu serei o melhor no que eu fizer”. Foi aí que eu assumi uma função de fato na vida, foi a partir desse presente que ela me deu e, ao mesmo tempo, sartrianamente, ao me dar liberdade, ela me deu uma série de obrigações. Então, eu assumi um compromisso com ela e tento cumprir todo dia esse compromisso.

Para além disso, o que que eu posso falar da minha infância? A minha infância foi jogar bola, minha infância foi ler, eu lia muito. Apesar de não gostar de estudar, eu sempre gostei muito de ler, eu não gostava da obrigação do estudo, principalmente, daquelas matérias que realmente não me agradavam. Então, eu gostava muito de ler, gosto muito de ler e tive uma formação literária muito quadrada a partir dos cânones, mas, ao mesmo tempo, muito completa a partir dos cânones.

Meu pai me orientou muito na leitura. Então, pequeno ainda, eu já tinha lido todo Machado de Assis, todo José de Alencar, todo Graciliano Ramos, todo Jorge... Os cânones. Eu tinha lido alguns achando muito chato. Eu, por exemplo, não gostava de José de Alencar, não gostava de Graciliano Ramos, outros eu lia achando muito massa. Eu sempre fui apaixonado, desesperado pelo Machado de Assis. Além disso, eu tentei algumas vezes, mas nunca fui lá essas coisas todas, me envolver com a música. Gosto de música, escuto música, entendo algo de música, mas nunca fui um músico, isso talvez seja uma grande frustração. Hoje, eu ainda me arrisco, eu toco minha flauta, eu estudo baixo, mas não sou um... não vou dizer: “meu Deus, venham me ouvir tocar”, porque não vale muito a pena. Então, talvez essa seja uma grande frustração.

Depois da escolinha, eu fui estudar em um outro colégio que foi muito importante para mim também, que foi o Colégio Marista Sagrado Coração, o Colégio Cearense, lá eu concluí o ensino médio. E, no Cearense, apesar de naquele momento não ser um católico e tal, mas, para além do catolicismo marista, tinha uns valores, uns princípios éticos muito interessantes, muitas vezes vinculados com a Teologia da Libertação, que foi um movimento religioso com o qual eu tive alguma experiência por conta do meu pai. Meu pai foi da JEC - Juventude Estudantil Católica e muitos desses padres, Frades da Teologia da Libertação conviviam conosco. Meu pai também foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, então esse envolvimento da igreja da teologia da libertação com a política estava muito dentro da minha família, também por conta desse envolvimento do meu pai. Então, eu pequenininho, eu me lembro, pequenininho, ia para os encontros do PT. E o povo, Maria Luísa Fontenelle, esses nomes, essas figuras históricas do PT, PT cearense, me chamavam de mascotinho. Enfim, eu me lembro disso, eu estava ali desde pequeno.

JS: *Professor, antes de ingressar no curso de História, já tinha vivenciado alguma experiência de trabalho remunerado?*

TBL: Não. Trabalho remunerado, antes de entrar na faculdade, não vivenciei. Eu tive a sorte, a oportunidade, o privilégio de nascer em uma família que conseguia me bancar e eu não precisava do trabalho remunerado, nem para mim e nem para ajudar em casa, o que é um privilégio. De fato, nem todas as pessoas têm essa possibilidade e isso me possibilitou, isso me franqueou a me dedicar muito ao estudo, nessa segunda fase da minha vida, que é o ensino médio. Então, durante o ensino médio eu vivenciava a escola praticamente 24 horas: ali eu desenvolvia os meus estudos ordinários, quer dizer as disciplinas que eu tinha que cumprir dentro do colégio (Inglês, Matemática, Português, Química, Física, História, Geografia), enfim, o que todo mundo estuda; e ali também eu desenvolvia outras práticas, como, por exemplo, o trabalho... trabalho não, é um trabalho, mas não era trabalho remunerado, era tocar no grupo Regional. Eu tocava violão no grupo Regional, eu estudava violão lá na escola e, além de estudar violão, tocava no grupo Regional.

Ah, o judô, natação, eu tinha também um gosto pelos esportes. Então eu conseguia me dedicar a isso. E, para além, fora da escola, mas, ainda nesse momento, as aulas de inglês, que

minha mãe pagou para mim. Ela, com muita alegria, eu, com muito sacrifício, porque meu pai, comunista velho, ele sempre ensinou que essa língua dos Yankee não deveria ser conhecida, mas eu estudei. E, também, mais ou menos nesse período, eu acho que no finalzinho do ensino médio, eu entrei nos estudos de Latim. Então, eu pude me dedicar à minha formação no ensino médio, porque eu não precisava, eu não tinha essa necessidade [de trabalhar].

MM: Professor Tito, gostaríamos de saber como surgiu o interesse pela área da História?

TBL: Esse caso eu sempre conto na faculdade, para os alunos de primeiro semestre e sempre que eu tenho a oportunidade, porque o meu envolvimento com a História é bem antigo de fato. Eu não vou me levantar agora para pegar o livro, porque ele tá do outro lado, se tivesse aqui eu pegaria, mas eu me lembro de eu pequenininho, oito anos de idade mais ou menos, meu pai tinha um grande amigo já falecido, o Pedro Lira, e era amicíssimo, um poeta importante, um poeta referência, enfim. Ele morava no Rio de Janeiro, vez por outra estava aqui no Ceará e, sempre que estava aqui no Ceará, ia para a casa do meu pai, era um jantar, era uma convivência, era qualquer coisa assim, era um momento de convívio, e, sabe aqueles meninos que tocam piano aí o pai diz: “toca aí menino para a visita ver”? Aqueles meninos que sabem fazer as coisas. O meu negócio era Mitologia Grega. O Pedro Lira tinha emprestado para meu pai um livro “Vocabulário e Fabulário da Mitologia Grega”, do Joaquim Chaves, e eu não soltava esse livro, era o dia inteiro agarrado com esse livro, decorando, conhecendo a mitologia grega e decorando. Não só a mitologia grega, esse vocabulário e fabulário é uma mitologia geral. Aos olhos de hoje, o livro é meio esquizofrênico, ele não tem um padrão ali definido, mas, para uma criança de oito anos, que não está entendendo muita coisa, ele era massa. Então eu li aquilo e sabia tudo de cor. Então pai disse: “diz aí para o Pedro Lira quem é fulano? Quem é cicrano? Quem é beltrano? É filho de quem? Casou-se com quem? Teve quem?” E eu dizia e o Pedro Lira ficou encantado com aquilo e disse assim: “Tito quer ser o que...” pergunta clássica, né? “Quer ser o que quando crescer?” E, imediatamente, a resposta foi: “eu quero ser historiador e filósofo”. E aí o Pedro Lira achou estranho, meu pai achou estranho: “mas porquê?” Porque historiador é sempre uma pessoa muito culta, a ideia do meu vô na cabeça, é sempre uma pessoa muito culta, uma pessoa que sabe de muita coisa e o filósofo ganha dinheiro deitado na rede. Na minha cabeça, o filósofo ganhava

dinheiro deitado na rede. Obviamente, teve aquele momento de riso, mas, desde os oito anos, eu me defini pela História e não tem outra coisa que eu quisesse ser na vida.

Eu me lembro que na época do vestibular, a gente andava, eu e meu pai, na casa de praia, voltando de um banho de mar, aí meu pai olha para mim e diz: “e aí, já se inscreveu para o vestibular?” Naquela época eram três faculdades que tinha em Fortaleza, era UFC, UECE e UNIFOR. E eu disse: “eu já me decidi pai, eu vou fazer História”. Aí ele disse: “mas História, cara? História não vai lhe dar dinheiro, vai fazer por que História? Tá nesse negócio ainda? Vá fazer Direito”. Aí eu disse que não queria fazer Direito. Aí ele disse: “não, você vai fazer Direito rapaz, eu faço questão que você faça Direito”. Aí eu disse: “pai, o senhor advogou por 13 anos na sua vida e até o dia que o senhor desistiu de advogar, aí o senhor foi fazer mestrado, doutorado nas Letras, hoje é professor do curso de Literatura e hoje o senhor é feliz.

A gente pode fazer da seguinte forma: eu posso passar 13 anos sofrendo triste, enfim, no Direito e depois assumir uma vida feliz como o senhor fez, isso não é um problema para mim, mas o senhor tá confortável com isso?” Aí ele deu um tapa nas minhas costas e disse: “vai fazer História mesmo, vai que é o seu caminho”. Então eu fui fazer o vestibular na UFC, na UECE em História e ele pediu para eu fazer o de Direito na UNIFOR. Se eu passasse ele disse que pagaria o curso. Enfim, nunca foi uma questão para mim, mas ele insistiu e aí eu me inscrevi para fazer o vestibular em Direito na UNIFOR também.

2 Segunda parte: Trajetória profissional

VM: Então, após escolher o curso de História eu queria que o senhor comentasse um pouco sobre sua trajetória, quais autores acompanharam o senhor desde o início da formação? Quais autores ainda lhe acompanham na atualidade? E como ocorreu o encontro com esses autores?

TBL: Como eu disse, eu tive uma formação muito legal dentro de casa, por conta do meu pai e da minha mãe. Então, assim, tanto por conta do meu pai e da minha mãe, eu tive contato com alguns autores muito antes (não sei se muito antes), mas antes de entrar na faculdade, também por conta do meu vô, apesar de ele já ter, nesse momento, falecido, mas a biblioteca dele ficou para mim. Então, ali na biblioteca dele, eu tinha Caio Prado Júnior, Gilberto Freire, Silvio Romero... e

aqui eu não estou nem falando do universo da literatura, eu estou falando só desses grandes pensadores do Brasil e de fora também, porque meu vô tinha, por exemplo, na biblioteca dele, Lucien Febvre, não era qualquer biblioteca que ia ter uma um material desses. Então, assim, eu tinha acesso a alguns autores do Brasil e do mundo que me ajudaram por conta do meu gosto pela leitura e do meu gosto pela história, a conhecer esse universo da História e das Ciências Humanas e Sociais, antes mesmo de entrar no curso de História. Então, alguns autores são fundamentais na minha formação inicial: Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, o próprio Sílvio Romero, tem um pessoal da literatura que eu não entendo exclusivamente como literatura, e, inclusive, no meu trabalho, hoje em dia, eu utilizo, por exemplo, o Ariano Suassuna. O Movimento Armorial é um movimento fundamental na minha formação estética e na minha formação intelectual, tanto a literatura do Suassuna, quanto as artes plásticas com o Samico, com o... acabou de falecer agora... já eu lembro, como na música, também, com o pessoal do Quinteto Armorial. Mas, enfim, esse movimento foi fundamental para mim. Isso eu recebi mexendo nos vinis do meu pai e folheando uns livros, uns materiais de artes na biblioteca da minha mãe.

Além desses autores, alguns outros também foram importantíssimos na minha formação, a maior parte deles do ponto de vista da filosofia, que também estavam presentes na biblioteca desse meu avô materno. Então, eu teria que falar da filosofia clássica, Sócrates, Platão, Aristóteles que é o meu universo dentro da filosofia. É isso que eu leio e é isso que eu ainda discuto na filosofia. Alguns outros autores, também, Schopenhauer com quem eu não discuto muito, mas eu cheguei a ler muita coisa, outro autor da filosofia que eu colhi na biblioteca da minha mãe agora, Sartre, muito importante para minha formação também.

Do ponto de vista da formação dentro da universidade, eu sou de uma geração ainda muito marcada por uma formação que, não é isso que a gente chama hoje de decolonial ou pós-colonial ou descolonial, tem essas três possibilidades aqui para a gente pensar, eu não vou entrar nos méritos da discussão teórica de cada um desses conceitos, mas não se trata disso, eu li muitos autores europeus e eles me acompanham mesmo, estão na minha formação, fazem parte da minha genética formativa no curso de História. São os clássicos, principalmente, aqueles da escola dos Annales, Marc Bloch, Fernando Braudel, o próprio Lucien Favre. Um autor, que não é propriamente daí, que transita entre a História e a Filosofia, ninguém sabe onde é que ele se enquadra, nem ele sabia, que é o Walter Benjamin, que esse é um autor caríssimo para mim. Carlo Ginzburg, Peter Burke, Roger Chartier e, obviamente, dos autores brasileiros, a gente vai ter o Boris Fausto, vai ter o Alfredo Bosi, vai ter um

pessoal, inclusive, com quem eu tive a honra e o prazer de militar dentro da ANPUH Brasil, o Benito Schmidt, enfim, são autores que foram lidos, relidos dentro das disciplinas e que alguns eu consegui, inclusive, conviver.

JS: Dentro desse campo das experiências, a gente busca também entender essa dimensão das experiências de ensino e aprendizagem que mais marcaram sua vida.

TBL: Cara, eu entrei na faculdade... só uma questão, eu acabei de lembrar que eu tinha ficado devendo o nome do J Borges. As coisas, às vezes, vêm na minha cabeça assim, então vez por outra eu vou interromper. Então, eu entrei na faculdade, vestibular de 98, entrei em 99.1 e cursei a faculdade no tempo correto, não tive nenhum atraso, a não ser as greves pelas quais eu passei e, salve engano, eu passei por duas greves. Mas, academicamente falando, eu cumpri o que tinha que cumprir naquele momento. A vida na faculdade foi uma experiência muito legal, eu fiz grandes amigos dentro da faculdade, pessoas por quem tenho profunda estima, não só do ponto de vista de colegas e amigos de sala de aula, meus companheiros de sala de aula, mas também estou falando de professores muito queridos que viraram amigos. Então, antes de falar de qualquer coisa, eu queria falar dessa sociabilidade mesmo que foi construída ao longo do tempo. E aí, eu vou falar alguns nomes, não vou esgotar os nomes todos, já registro aqui: meus amigos, eu não esqueci de vocês, eu só não tenho é como falar de todo mundo. Então pessoas como Carlos Virgílio, que é um cara por quem tenho um carinho enorme, Otaviano, sei lá, tanta gente, cara... o Hélder, o Ítalo, são pessoas com quem eu convivo de fato, eu tenho relação. Eu me apaixonei tanto por aquele curso que a minha esposa saiu de lá. Então, a Analice, minha esposa, estudava comigo, nós estudávamos juntos e ali a gente construiu a vida a dois também, a partir dali. E professores, também, como o Pinheiro, Professor Francisco José Pinheiro, pessoa muito querida, Professor Pedro Aírton, a professora Simone Souza que faleceu já, pessoa queridíssima, extremamente complicada, mas gente boníssima, quando você sabia entender aquela personagem, era um agrado aquela pessoa. Professora Ivone Cordeiro, pessoa por quem eu tenho um respeito enorme, apesar de não ter muita proximidade, mas tem um respeito enorme. Essas pessoas foram importantíssimas, tanto os professores, quanto os colegas e amigos foram importantíssimas na minha formação.

Com cada um desses professores, e, não só com esses que foram citados, eu não só aprendi as matérias que eram ofertadas na matriz curricular da época, mas também alguns trejeitos e algumas

práticas que poderiam ser aproveitadas ou negadas. Então, até mesmo aqueles professores que porventura eu tenha tido, e aqui eu estou colocando porventura eu tenha tido, eu não estou dizendo que eu tive, porventura eu tenha tido, e não serviram para muita coisa, até esses serviram para mostrar como eu não deveria ser, entende? Então, a minha experiência em sala de aula nunca se limitou propriamente à sala de aula, eu estava muito preocupado, de fato, em tentar aprender o que era ser o professor. Eu precisava entender isso, e isso, particularmente, eu entendo que a gente aprende muito na prática, não só na nossa prática, mas observando a prática alheia. Então, aprender a ser professor, aprender como lidar com a matéria História, como lidar com as fontes, como lidar com a teoria, com quais métodos, como manipular esses métodos.

Então, eu estava muito atento à forma como os professores produziam seus estudos. E aí o professor Pinheiro foi importantíssimo para mim, eu fui bolsista de iniciação científica dele. Ele que me ensinou, por exemplo, a ler paleografia, a ir para o arquivo público e o modelo que ele adotou, pedagogicamente, tá absurdamente errado, eu já adianto. Mas, do ponto de vista da prática, para mim, não podia ter sido melhor, não sei se ele pegou a pessoa certa para fazer isso, porque, para mim, deu muito certo. Então, ele me convidou a ir para o Arquivo Público, como bolsista já. E, no Arquivo Público, ele solicitou um livro, o livro 75 do Arquivo Público. E aí, abriu o livro e disse: “Você consegue ler?”. Eu disse: ‘não, isso aqui tá difícil para a leitura’. Aí, ele leu uma página correndo o dedo aqui, obviamente, sem encostar no papel, mas correndo o dedo para entender o que é que ele estava lendo. Aí disse: “você entendeu o que eu li?” “Entendi”. “Pois então até o fim do dia, eu quero essa outra página transcrita”. E, pronto, foi se embora. E eu tive que entregar a página transcrita. E, a partir daí, eu tive que aprender a paleografia por conta. Pedagogicamente, é um crime, né? Mas, do ponto de vista da prática, ele me colocou no sufoco e deu muito certo.

A forma como Pedro Airton lidava também com a sala de aula me encantava, porque um cara despreocupado, sabe, assim, despreocupado mesmo. Um cara que estava ali, parecia que estava conversando, como nós estamos conversando agora, e ao mesmo tempo ele estava dando o conteúdo dele. Ele não era brilhante, não era um professor brilhante, eu posso dizer isso sem medo, porque eu diria isso para ele, é aquele professor que cumpria à risca o que tinha que fazer, sem esforço, sem sofrimento, nem para ele, nem para o aluno, era legal demais. Então eu tentei pegar isso do Pedro Airton. E dos amigos, cara, eu tentei aprender com esses amigos algumas coisas que eu não tinha no meu cotidiano. Então, por exemplo, eu tenho um amigo que passou muitos apereios na faculdade e ali foi que eu vim entender que tem gente passando dificuldade do meu lado. O que é que eu posso

fazer para melhorar essa situação? Como é que eu posso ajudar isso? Não só do ponto de vista de pagar um lanche, ou de pagar uma xerox para o cara, mas do ponto de vista de alterar esse padrão na sociedade. Então, esses meus amigos foram importantíssimos para abrir um universo que eu sabia que existia, mas com o qual eu não convivía tão diretamente. Acho que essas foram as minhas grandes experiências na faculdade.

MM: *Quais motivos te levaram para a pós-graduação, mestrado e doutorado?*

TBL: Quando eu terminei a graduação, salvo engano 2002 eu terminei a licenciatura e em 2003 eu terminei o bacharelado, salvo engano foi isso. Quando eu terminei a graduação, eu tentei a seleção de mestrado da UFC para História, naquele momento ainda acompanhando os estudos, do Pinheiro. Eu estudava Ceará colonial e o mestrado da UFC não recebia Ceará colonial. O mestrado da UFC, naquele momento, hoje em dia é outra coisa, naquele momento era um mestrado muito voltado para discutir Fortaleza, século XIX, meados do século XX, talvez, certo? Basicamente era isso que era discutido naquele espaço. Então eu fui disputar essa vaga, mas não logrei êxito, exatamente porque, primeiro não tinha quem me orientasse, segundo não era interesse do mestrado, naquele momento, receber esse trabalho. Hoje com a maturidade que eu tenho e com o entendimento de como é que funcionam determinadas engrenagens da pós-graduação no Brasil, com as quais eu não concordo, mas compreendo como funcionam, eu entendo por que eu não fui aprovado. Talvez, eu não tenha sido aprovado não por questão de mérito, mas por questão pragmática mesmo: “o que é que a gente vai fazer com esse menino? Que ninguém estuda isso, com esse trabalho que vai ser publicado, que não vai injetar dosimetria na nossa pontuação aqui no mestrado”. Então, eu entendo a situação, mas como eu não entendia, eu tentei uma segunda vez na UFC e só tinha o mestrado da UFC em História aqui em Fortaleza, quer dizer, lá em Fortaleza, estou em Sobral. Então também não foi aprovado. E aí, nesse meio tempo, eu descobri um curso de especialização em estudos clássicos na UFC. Como eu sempre gostei da História Antiga e não estudava História Antiga na faculdade, porque não tinha esse espaço de fato, eu fui fazer a especialização. Nesse momento, eu já trabalhava, já era professor. Aliás, eu comecei a dar aula em escolas em 1999, logo que eu entrei na faculdade.

Mas seguindo, eu fui então para a especialização e, ao mesmo tempo que estava na especialização, eu entrei como graduado no curso de Filosofia da UECE. Terminei a especialização,

ainda no curso de graduação em Filosofia da UECE, e prestei exame para o mestrado em Filosofia da UECE. Não logrei êxito e, aí, eu fiquei chateado porque, na verdade, eram 10 vagas, eu fiquei em 12º, por 2 décimos, e o 11º ficou por 1 décimo. Ele entrou em contato comigo, esse cara, nós não fomos aprovados por conta da prova de línguas que, no Edital, dizia que não eliminava, classificava. E, se não eliminava, nós não poderíamos ter sido eliminados. Então, ele entrou na justiça, ganhou o direito, me contactou, eu fui citado na ação. E aí, nesse momento, eu resolvi, o mestrado era em ética, eu resolvi conversar com o coordenador e disse: “Cara, do ponto de vista do Direito eu tenho direito, mas do ponto de vista ético não”. Estava lá marcado 10 vagas. Eu sabia como é que era o jogo e “não, não vou”. Depois tentei exame de novo, fui aprovado. Nesse momento, em que eu fui aprovado eu abandonei a graduação, porque afinal de contas eu entrei no mestrado em Filosofia e fui tocar os estudos do mestrado em Filosofia. Aí aconteceu uma situação tanto quanto estranha, porque o projeto que eu propus pro mestrado em Filosofia foi um projeto que estudava Aristóteles, a ética aristotélica, mas eu tentava encontrar as origens do pensamento ético organizado por Aristóteles e não ia para o trivial estudando Platão. Eu queria encontrar as origens das origens, eu ainda não tinha entendido o alerta do Marc Bloch de a gente não perseguir as origens.

Então eu fui até Sófocles, até as tragédias. Então eu passei com um projeto que estudava Sófocles, as tragédias de Sófocles, principalmente, *Édipo Rei* e *Édipo em Colono* e a *Ética Nicomachea*, de Aristóteles. Bem, passei estudando Aristóteles, mas chegando lá uma discussão interna dentro do programa me impossibilitou de ficar com o orientador que queria assumir a minha pesquisa em Aristóteles, e eu fui bater numa orientação com Walter Benjamin, não tinha nada a ver com o que eu estava estudando, mas me dediquei, me dediquei muito, e acabou que não rolava mesmo, de fato não rolava. Gosto muito do pensamento de Benjamin, mas eu não estava conseguindo ir para frente, até que eu consegui alterar a minha orientação por uma terceira vez, nesse caso. E aí fui estudar Giambattista Vico. Tinha chegado um professor no mestrado, ele ainda estava sem orientando e me disseram: “Bem, Tito, então você vai para o professor e ele vai lhe dar orientação em Vico”. Só que eu nunca tinha lido o Vico e faltava seis meses para eu entregar o trabalho e eu ia ter que começar do zero. Aí eu escrevi uma carta aberta ao mestrado, dizendo toda essa história que eu estou contando para vocês. Até que um professor, que foi o meu orientador de fato, eu concluí com ele, o Jan Gerard Joseph ter Reegen, ele se apiedou de mim e disse: “Eu vou assumir a sua pesquisa em Aristóteles e queria saber em quanto tempo você entrega esse material”.

Aí eu disse: “Professor, me dê 15 dias que eu lhe dou o trabalho pronto, a gente qualifica e aí no tempo que o senhor quiser a gente defende”. E assim foi feito.

Logo depois da minha mudança de orientação para o Joseph ter Reegen, eu voltei a estudar Aristóteles e, em 15 dias, mais ou menos, eu entreguei o material para ele. A gente fez a qualificação, fez a defesa e eu concluí. Eu fiz tudo isso trabalhando. Então, quando eu terminei o mestrado, eu ainda estava trabalhando e pensei no doutorado, mas o doutorado teve um hiato aí, eu acho que eu terminei em 2000 e... eu não me lembro quando terminei o mestrado, sinceramente não me lembro, mas não foi logo depois que eu terminei eu entrei no doutorado, eu ainda segurei um pouquinho trabalhando e depois eu fui para o doutorado.

No doutorado, eu precisava de uma coisa rápida, eu precisava fazer um doutorado o mais rápido possível para eu poder concursar, porque como graduado em História e mestre em filosofia, os concursos que abriram em História não me admitiam, porque eu era mestre em Filosofia e não em História. Então eu precisava voltar para o mundo da História e eu queria uma coisa rápida. Eu sempre gostei da literatura e fui trabalhar com literatura. E eu comecei uma conversa com o Manuel Salgado, ele gostou da proposta, era um estudo sobre IHGB e José de Alencar e ele gostou da proposta, só que ele me convidou para ser aluno especial lá no PPGH-UFRJ, lá no Rio. Mas de uma hora para outra a conversa parou, aí eu mandei e-mail novamente: “Professor o que foi que aconteceu?” E não tinha resposta. “Professor o que foi que aconteceu?” E não tinha resposta. Até que eu mandei um e-mail muito desaforado para ele e ele nunca me deu resposta.

Fui seguir minha vida, mandei o projeto para o programa de doutoramento em História lá na Universidade de Lisboa, ele foi aprovado. Minha esposa, nesse mesmo tempo, também mandou o projeto dela lá pra Universidade de Lisboa, foi aprovado. Nós chegamos a tentar a seleção da UFC, eu fui aprovado em 11º de 10 vagas, e a primeira pergunta que me fizeram na entrevista foi: “mas você não já está aprovado lá em Portugal? Por que que você está tentando aqui?” Eu tive vontade de dar resposta: “Porque aqui é mais fácil, estou em casa”. Mas eu, obviamente, não dei essa resposta. Mas, ali, naquele momento da pergunta, eu já sabia que eu não seria aprovado. De qualquer forma, nós fomos fazer o doutorado em Portugal. E ainda bem que nós fomos, porque foram dois anos que a gente passou lá e foram dois anos muito proveitosos, não só pelas salas de aula que a gente teve, era uma outra experiência, era uma outra realidade, a gente discutia... não estou dizendo que em nível mais elevado, não se trata disso, de fato não se trata, mas era uma outra dinâmica de estudo que foi importante pra gente compreender outras lógicas, outras perspectivas pedagógicas,

práticas de pesquisa, enfim. Mas, para além disso, a experiência de viajar pelo mundo, né? Porque, como a gente estava em Portugal, a gente pôde conhecer muita coisa e conhecer muita coisa é importante para mudar a nossa própria realidade, os nossos conceitos, os nossos preconceitos. E não se trata de: “Ah! porque você tá na Europa”. Não! Pode ser em qualquer canto, não é necessariamente na Europa. É conhecer o mundo, é conhecer o mundo na África, na Ásia, onde quer que seja. Conhecer o mundo é para você entender que você é um outro também. Ali [em Portugal] eu não sou eu, ali eu sou um outro, isso é importante, você ser colocado no seu lugar de outro, para você não querer colocar o outro no lugar de outro. Então esses foram os processos, basicamente, muito resumidamente, da minha formação em termos de pós-graduação. Concluí o doutorado logo em 2014 eu acho, e em 2015 eu fiz o concurso para universidade aqui na UVA, fui aprovado e assumi. Ano passado [2023], eu concluí o estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFC, com um estudo de literatura comparada. Então é isso... Só para cumprir uma formalidade, eu falei do nome do meu orientador no mestrado, o Joseph ter Reegen, mas não falei o do doutorado, o Sérgio Campos Matos, eu precisava registrar o nome dele. Professor Sérgio Campos Matos foi meu orientador no doutorado na Universidade de Lisboa. No estágio pós-doutoral, quem ficou responsável pela minha supervisão foi a professora Elizabeth Dias Martins, só para cumprir as formalidades.

JC: Como profissional de História, atuando como professor e pesquisador, o senhor tem envolvimento com movimento cultural, político ou sindical?

TBL: Cara, eu não consigo entender a História como uma produção de gabinete, e quem tá falando isso é um cara que não atua nem sequer em arquivo, eu atuo no meu gabinete. Mas eu não entendo que a História seja, possa ser limitada a gabinete. Eu digo que eu atuo no meu gabinete, porque basicamente o meu material, as minhas fontes de pesquisa, elas são fontes literárias, então eu as tenho praticamente todas na minha estante ou na internet. Para mim, é muito cômodo fazer um estudo trancado no meu gabinete, na minha solidão que, por sinal, eu gosto muito. Mas a História não pode se limitar a isso. Então, quando eu entrei na faculdade em 1999, quando eu estava prestando vestibular em 1998, junto com a inscrição no vestibular eu já fiz a inscrição no Partido Comunista do Brasil, ali eu entrei no Pcdob. Então, desde aquele momento ali, eu estava colocado no campo da política.



Em 2002, salvo engano, eu saí do PCdoB e me filiei ao PT. Apesar das críticas que eu tenha ao Partido dos Trabalhadores, é nele que eu estou filiado, é com ele que eu tenho militado e é sobre ele que eu faço as críticas necessárias em termos de tentar uma reestruturação do próprio partido. Então liga política é fundamental, nós não temos outra fala que não seja uma fala política, toda fala, de qualquer historiador, ela é política. Aliás, a História se baseia em um tripé, eu sempre apresento isso para os meus alunos, em um tripé. A História só pode existir a partir de uma reflexão social que a gente faz. A produção do conhecimento histórico só tem sentido depois de uma reflexão social que a gente faz sobre a realidade. Eu olho para a realidade e digo: “isso não me agrada, o que é que está errado aqui?” Essa reflexão é uma reflexão ética, eu me incomodo, eu tenciono a sociedade e isso é uma tensão ética. Diante dessa tensão ética, eu tenho que tomar uma posição na sociedade e essa posição é obrigatoriamente uma posição política, porque eu quero resolver aquele problema. Então é uma decisão política. E se eu estou resolvendo esse problema, se eu estou tentando alterar essa realidade, é porque eu quero transformar o mundo, o que é uma motivação poética.

Então a História se estabelece através e a partir da ética, da política e da poética, não é possível pensar a história fora dessas três dimensões. E essas três dimensões estão colocadas, nenhuma dessas dimensões são propriamente da História, todas elas são de outros departamentos digamos assim, são da Filosofia, são da Arte. Então, diante disso, é importante que a gente entenda que as reflexões que são produzidas na ciência histórica, elas precisam dialogar com o mundo onde a história acontece.

Logo que eu passei no concurso aqui para a UVA, o Estado estava em greve, as universidades... as três universidades estavam em greve, 2015, e nós, professores concursados, não seríamos chamados até o fim dessa greve. E isso estava demorando muito, muito mesmo. Eu passei em 2015 e só fui assumir a vaga em 2016, demorou 6/7 meses para eu ser chamado. Mas eu fiquei muito insatisfeito com isso, cara. Então a primeira coisa que eu fiz, quando eu percebi que não ia ser chamado de pronto, eu comecei a procurar o nome de todos os aprovados, em todas as áreas de concurso, que eram 36 aprovados, alguma coisa assim, Química, Educação Física, Biologia, História, Geografia, enfim, muita gente de muitas áreas diferentes. Procurei o nome de todo mundo, achei o nome do pessoal, procurei o e-mail de todo mundo, achei o e-mail do pessoal, marquei uma reunião com todo mundo via WhatsApp, depois da reunião via WhatsApp, a gente se encontrou, eu acho que foi no Shopping Benfica, depois do Shopping Benfica nós saímos com uma diretriz estabelecida: nós faríamos greve ainda sem sermos professores efetivados na universidade. E aí eu



entrei em contato com o sindicato aqui da UVA e participei ao sindicato que nós estaríamos em greve junto com os professores e estaríamos no Palácio da Abolição. E puxei o pessoal aqui de Sobral para Fortaleza, para irmos para o Palácio da Abolição fazer o movimento junto com a gente. Fato é: empossados na UVA, a primeira coisa, o primeiro convite que me foi feito foi para ser vice-presidente do sindicato, aqui na universidade. Então eu atuei como vice-presidente do sindicato aqui na UVA e depois numa outra, num outro momento.

Da mesma forma, eu atuei de forma política muito intensa na ANPUH, tanto no Ceará, quanto na Nacional, fui um dos responsáveis, por exemplo, pela regulamentação da profissão do Historiador. E aí a disputa política, dessa política mais senso comum de estar ali, junto com os deputados, com os senadores e tal, fazendo lobby em benefício da nossa da nossa profissão. Isso foi feito. E em relação a movimentos sociais, apesar de eu não ter uma relação muito aproximada com o movimento quilombola, com o movimento indígena, eu tenho uma relação com outros grupos de movimento. Na verdade, normalmente, não são chamados de movimentos sociais, que são os artistas. E, principalmente, esses artistas que não são da grande mídia, eu estou falando das dramistas, eu estou falando dos rabequeiros, eu estou falando daquilo que normalmente a gente categoriza dentro de um conceito chamado *cultura popular*, que é um conceito que me incomoda e com o qual eu tenho debatido e sobre o qual eu tenho apresentado outras propostas. Eu prefiro nomear como “cultura dita popular”. Popular para quem? Quem é esse outro que está olhando para aquilo ali e dizendo: “isso não é o que deve ser, isso é do povo”. Então eu milito muito mais com esse pessoal. Mas não existe História fora dessas três dimensões, cara, é impossível.

Você pode produzir qualquer coisa, mas qualquer coisa que você produza fora dessas três dimensões não vai passar de texto estéril, não frutifica, não deixa marca. E, mais uma vez, como eu sempre gostei da mitologia e como eu me formei nos estudos clássicos, até muito pouco tempo eu estudava Grécia, as tragédias, as epopeias, tem uma passagem na *Iliada*, que normalmente a gente referencia como a Boa Morte. Nessa passagem, Aquiles opta por morrer cedo e não ser esquecido. E ele diz: “Eu não nasci para ser esquecido”. A minha ideia é mais ou menos essa, eu não tenho a ousadia e nem o hybris do Aquiles, mas eu não nasci para ser esquecido, eu nasci pelo menos para o pessoal se lembrar que eu era um chato.

MM: Professor, percebendo a condição histórica na qual a humanidade vive, gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre o que significa, no século XXI, ser um pesquisador e ser um professor de história.

TBL: Eu sinceramente penso que produzir conhecimento histórico talvez seja um dos trabalhos mais difíceis que uma pessoa possa puxar para si próprio. Porque quando você pensa na medicina, as pessoas podem até: “Ah, tá com dor de cabeça, toma um chá de não sei o quê; ah., tá com sei lá, tá com gripe, toma canja”. Do ponto de vista do Direito, as pessoas podem até se meter de alguma forma também: “seu patrão tá fazendo isso, processa esse patrão”, não sabe nem como é que faz, mas diz que faça. Do ponto de vista da engenharia ou da arquitetura, as pessoas não sabem levantar uma parede, mas diz se essa parede talvez ficasse melhor assim. Só que, perceba, é tudo do ponto de vista de um certo achismo e distanciado do ofício propriamente dito. Você não se arroga na condição de arquiteto, de engenheiro, de advogado ou de médico. Eu acho que na minha época funcionava bem assim.

Mas para a História não é assim, para a História todo mundo é historiador, qualquer conversa de bar, a pessoa diz: “não, tá errado, não é assim, eu sei porque eu vi como é que foi”. As pessoas confundem muito a memória com a história e pensam que são historiadores. Basta ver o que a extrema-direita faz com a história. Todo mundo pensa que sabe História. Por que todo mundo pensa que sabe História? Porque história é uma condição ontológica do ser humano, todos nós temos história, todos nós somos história, todos nós vivemos *a* e *na* história, então todos nós pensamos entender História. Do ponto de vista operacional, do conhecimento científico da História, não é assim, e por isso é difícil para o historiador se posicionar, porque todo mundo pensa que o que ele está falando é senso comum. Então como é que a gente tenta resolver esse problema? Não existe outra solução, vocês que são alunos talvez tenham as suas predileções pelas disciplinas, tais e quais, e, muito provavelmente, a predileção não será pelo campo da teoria, mas não existe outro caminho que não seja a teoria, não existe. É a teoria e a metodologia dessa ciência que podem solucionar todos os problemas que desqualificam... Eu vou dizer de novo, esta ciência, da sua condição, mais uma vez, de ciência, ou você aprende a lidar com essas duas ferramentas, a teoria e a metodologia, para poder desenvolver um raciocínio, uma retórica, uma explicação, uma análise, que não seja só válida do ponto de vista do entendimento, mas que seja válida, sobretudo, do ponto de vista da ética da disciplina, da lógica da disciplina, da argumentação da disciplina, da própria verdade da

disciplina, nunca é alcançada, mas sempre almejada, ou você não consegue produzir o conhecimento cientificamente organizado.

Dito isso, eu há muito tempo, desde há muito mesmo, desde a graduação, tenho um prazer muito grande nos estudos de teoria, me agradam profundamente, tanto que hoje eu tenho me afastado um tanto da História Antiga, dos meus estudos sobre Grécia, tragédias, poesia grega de modo geral, e indo mais para o universo da teoria, inclusive desenvolvendo alguns conceitos, como o conceito de “cultura dita popular”, e, ajudando a desenvolver algumas ferramentas teóricas, como por exemplo, a teoria da residualidade. Então, no meu entendimento, se eu ainda me lembro qual foi a pergunta, no meu entendimento a questão fundamental é essa; produzir conhecimento histórico é uma atitude muito difícil, é uma prática muito difícil a produção do conhecimento histórico. Exatamente porque demanda um exercício constante de validação científica, daquilo que você tá falando.

O historiador precisa apontar os porquês das questões, o como que eu alcancei esses resultados. Isso não é uma conversa para mesa de bar. Então, conversar sobre História com historiador, numa mesa de bar, não é uma tarefa prazerosa.

VM: Professor Tito, eu gostaria que o senhor falasse um pouco como é a sua relação com seus alunos?

TBL: É melhor perguntar para eles, eu realmente não sei. Vamos lá, muito objetivamente... Eu não sou uma pessoa muito descontrainda, eu não sou, eu não sei se é uma questão de criação, eu não sei se é uma questão exclusivamente minha, eu não sei, mas eu sou muito retraído e isso me dá um certo tanto de timidez. Então, quando eu entro em sala de aula, eu meio que sou uma personagem, não é uma personagem, o palhaço, não se trata disso, mas ali eu tenho uma função, ser o professor. E na minha função de professor, como eu sou uma personagem, naquele ato, quando termina aquilo eu não tenho muito... terminou, ali terminou a minha personagem e eu já sou outra pessoa. Então, muitas vezes, quando os alunos... eu tenho dificuldade de identificar aluno na rua, muita, mas não é só aluno não, é qualquer pessoa, eu realmente tenho muita dificuldade de identificar, eu não sei quem é, trato bem, converso bem, convivo bem, mas se apresentar para mim, porque eu realmente tenho dificuldade.

Como professor, eu realmente não sei dizer como é que eu sou com os alunos, eu sei lhe dizer como é que eu sou como Servidor Público, que é uma função também que eu exerço. Como Servidor Público eu estou 24 horas disponível para servir o público, porque essa é a minha função por definição. Então, em qualquer situação, por qualquer motivo, a hora que for e do jeito que for, se aparecer uma necessidade e tiver dentro da minha alçada de exercício laboral, eu irei atender, aluno, colega de profissão, enfim...

Eu não consigo olhar muito para as pessoas e categorizar como aluno, são pessoas. Então eu tenho dificuldade com esse negócio de aluno mesmo, tanto que eu também não me coloco muito na função do professor, aquela coisa levada. Eu sempre digo para as pessoas que estão comigo em sala de aula: “aqui não tem ninguém que sabe mais”. Talvez não é nem que eu saiba, eu tenho um pouco mais de experiência do que vocês, eu li um pouco mais do que vocês, então eu conheço alguns textos mais do que vocês. Mas, daqui a pouco, vocês estão me superando, eu espero que me superem, porque se eu não conseguir fazer com que pelo menos um aluno me supere, eu não tive função como professor. Então, a minha expectativa é sempre que o pessoal vá para além e, assim, eu vou fazendo, eu trabalho nessa perspectiva. Aqui na UVA, e vocês aí na FAFIDAM devem ter a mesma situação, muitos alunos aqui são os primeiros da família a entrar na faculdade, muitos alunos aqui nunca tiveram acesso a livro, muitos alunos aqui têm muita dificuldade financeira, e muitos alunos aqui não conseguem pensar para além do aqui, do local. Eu não admito isso, cara, mas eu não consigo aceitar que uma pessoa não consiga ir para além do seu local. Então, talvez essa seja a minha grande característica como professor, eu estou o tempo todo dizendo: “você pode mais, você pode ir além, esse espaço não lhe abriga, você pode voltar para cá, mas você volte, portanto você saia, vá conhecer o mundo, vá para além disso aqui, isso aqui não é o seu limite, não se limite”. Como eu disse, eu esperaria que todas as pessoas tivessem tido essa perspectiva do Aquiles, de não ter vindo para cá para ser esquecido. Então eu sempre espero que os meus alunos, mas não só alunos, as pessoas de modo geral, elas consigam ir para além dos limites que estão colocados. E o que for possível eu fazer para ajudar nisso, eu vou estar à disposição, isso é um fato, o que for possível eu farei.

JS: Professor, com relação ao trabalho em sala de aula, como você trabalha a relação entre pesquisa e ensino?

TBL: Para mim, sempre foi muito tranquilo juntar uma coisa com a outra, porque, como professor de História Antiga, eu conseguia trazer inclusive os meus textos sobre História Antiga para a sala de aula e as minhas perspectivas, as minhas leituras, os meus estudos, as minhas fontes para a sala de aula, às vezes até mesmo pagando de amostrado, né? Porque aí eu trago as fontes em grego para fazer a tradução em sala de aula. Minha mãe é que sempre diz: “meu filho, por que você faz isso aí?” Eu digo: “mãe, porque se eu não puder nem me amostrar com uma língua que eu não posso falar, aí não tem condição, né?”

Então, por exemplo, quando eu dou a disciplina de História Antiga II, fatalmente uma das questões a serem discutidas na disciplina é a construção do *Logos*. É um problema caríssimo para mim, a construção dessa ferramenta mental que ajudou a humanidade a desenvolver toda a filosofia ocidental, a construção da política, que é uma derivação do *Logos* e como é que a literatura, literatura grega, no caso, como é que a literatura contribuiu para a formação do logos e para a formação da política. Então, perceba, eu estou discutindo a política grega, é um tópico da história antiga, eu estou discutindo as questões de sociabilidade, todos esses temas que são clássicos, que qualquer professor vai trabalhar nas disciplinas de História Antiga II, mas eu estou fazendo isso a partir da minha perspectiva de pesquisa efetiva, obviamente que eu também não posso obrigar o aluno a ser um mini Tito, não se trata disso, pelo amor de Deus, não sejam isso... Mas é muito necessário, para mim é muito necessário botar para fora o que eu produzi, eu não posso produzir só para mim e nem só para um gueto.

Vocês conhecem mais algum historiador de História Antiga? Eu estou fazendo a pergunta de fato, não é retórica não. Bem, se vocês conhecerem os historiadores de História Antiga, vocês vão perceber que todos nós, eu estou me incluindo nisso, somos muito, muito estranhos. Então, não posso escrever só para o estranhamento da História, entendeu? Eu tenho que escrever para as pessoas mais normais também. Eu estou falando, de fato, o pessoal que estuda antiguidade: Fábio Favarsani, Fábio Joly, eu... Esse pessoal é um pessoal meio estranho, talvez a pessoa mais guardada do campo da antiguidade, você olha assim não diz que é uma pessoa da Antiga, é a Kátia Pozzer, essa, inclusive é uma leide, né? Mas a maior parte, é muito estranho, cara, é muito estranho. Por isso que eu acho importante a gente fazer essa atualização, né? Você está atualizando, principalmente do ponto de vista da História Antiga. Eu não vou trazer para mim a condição de decolonial, porque de fato eu não sou um decolonial, como eu disse a minha formação é anterior a isso, eu tenho muitas marcas coloniais na minha formação. Eu não vou arrogar para mim a condição de decolonial, mas é um

processo decolonial, eu estou fazendo uma discussão sobre História antiga, não mais através exclusivamente dos autores, por exemplo, da escola que me formou, que é a escola francesa: Jean-Pierre Vernant, Nicole Nora, Jacqueline de Romilly, não estou usando esse pessoal, ainda uso, porque esse pessoal não é de se jogar fora, mas hoje tem outros autores, inclusive brasileiros, inclusive eu. Então eu acho que isso também é um processo de ruptura com uma tradição historiográfica europeia. Para que que a gente estuda história? Os europeus não vão conseguir me dar essa resposta, para que que eu estudo história da Grécia no Brasil, em Sobral. Para quê?

MM: Professor, ao longo de sua experiência docente, o que você apontaria como principais dificuldades e desafios?

TBL: Cara, as universidades são uma dificuldade, eu tenho um respeito absoluto por essa. Eu não sou um iconoclasta, não sou, eu gosto de tradições, gosto, faz parte do meu perfil, eu gosto do cerimonial, eu acho bonito cerimonial. Além de tudo, não é só uma questão de gostar, é uma apreciação estética do cerimonial, oxalá todas as universidades tivessem aquela *pompa e circunstância* da escolinha do Harry Potter, ia achar tudo muito lindo, tá entendendo? Não é assim, não é assim. Mas, a universidade também é um problema, a universidade é um problema porque ela é elitista, não só do ponto de vista do ingresso de poucas pessoas, mas também das pessoas que atuam na universidade, nós somos uma elite, nós nos colocamos como elite, e nós olhamos para os outros, como outros, e nós não conseguimos.

Eu fiz uma fala sobre isso há pouco tempo na Semana de História aqui, uma fala não, uma intervenção, foi o final da fala de uns colegas e eu fiz essa intervenção. Apesar de toda a arrogância que nós temos como professores universitários, nós inclusive colocamos essa adjetivação na nossa profissão, professor, mas não é só professor, é professor universitário, para além de toda a arrogância que nós temos em encher a boca e falar que somos professores universitários, nós não temos profissionalismo. E eu estou me colocando no meio também, aqui é uma questão de autocritica, eu nem sei se eu tenho ou se eu não tenho, mas eu vou me colocar como se eu não tivesse, nós não temos profissionalismo: o pessoal não chega na hora, o pessoal não cumpre horário de saída, o pessoal não prepara aula, o pessoal não tá preocupado em atualizar as lógicas de avaliação, o pessoal não tá preocupado com nada, tá errado, isso não é ser profissional, você não tá, principalmente, do nosso ponto de vista, aqui, eu estou falando como servidor público, você não tá servindo público,



you are breastfeeding the state and you are wrong, you need to be professional, you need to stop and listen to the student: “professor, I can’t go today, because I don’t have a bus”. Ah, for me it’s easy, I get my car, I go there and in 5 minutes I am at the faculty, but the student can’t go, because there is no bus and he spends five hours inside the bus to get to the faculty. How is it that the university looks at this problem and tries to solve this problem? There is a University Residency for everything that is a student? No! It wasn’t the time to stop? What I mean, it wasn’t normal? Harry Potter won’t live there at school? Because the students don’t live at the university? “Ah, but it’s because it’s expensive”. It’s expensive, I know it’s expensive, but there are strategies: why don’t you put these students to live at the university and assign functions to these students? You don’t need to increase the general services at the university, the students can, obviously, do services of maintenance, as long as they don’t interfere with their student life. I know how many students there are at the university, it’s not possible that, in a system of rotation, it can have one who takes a broom and cleans a courtyard: “ah, because it’s very expensive”. It’s expensive, but there is a lack of intelligence, also, administrative, lack of professionalism. So one of the big problems of the university is not looking at the problems that we have, and I am talking about various administrations, and I will talk very specifically about mine, but I know that this exists in others too. Let’s think here, I lived at UECE, I worked at UECE as a substitute professor, as a master’s student and as a graduate student, I worked at CCH at UECE, at the Center of Humanities at UECE, dear, the students had lunch there, the university restaurant sent it from Itaperi to there, in a plastic box, when I opened the lid of that business, I don’t know how it was that the staff ate that, no, no, it was hungry even, are you understanding? Because why don’t you create a University Restaurant in that space? Because why don’t you put a bus that takes the students from CCH to Itaperi, from Itaperi to CCH? At lunch time, at dinner time, I don’t know... Solutions exist, but there is a lack of will. So, one of the problems is in the way that universities are administered. And there is a serious problem: we professors are not trained to be administrators, many times we professors don’t even know the statute of the public servant, what is wrong, it is a lack of professionalism.

The students, on the other hand, I will take the foot of you now too, the students on the other hand, they also, many times, don’t know their role as citizens, they don’t know how to demand, they don’t know whom to demand, they don’t even realize that they need to demand many times, of such lack that they live. So you also need to assume a role of citizen, to demand and say:



existem meios e meios e meios para fazer isso, né? “Olhe, a gente tá com a seguinte situação, qual é a solução?” Não tem solução, mas então vamos perturbar de novo. E não se trata exclusivamente de fazer a passeata, porque esse modelo me parece também que já tem um tempo marcado. Eu acho que a gente precisa atualizar as formas de movimento, as formas de luta, as formas de disputa.

Do ponto de vista do governo, percebam, só estou falando da universidade pública, do ponto de vista do governo, falta incentivo, o salário... É difícil eu falar que o meu salário é baixo, é doído eu falar isso, mas é fato, meu salário não paga a minha vida. É difícil eu falar isso, porque vocês podem entrar no Portal da Transparência, colocar meu nome e vocês vão ver quanto é que eu ganho e vocês vão falar: “mas o professor ganha muito”. Porque vocês estão comparando com quem ganha pouco. Então não é que precisa aumentar o meu salário, é que precisa aumentar o salário de todo mundo. Eu estudei 10 anos, cara, para estar aqui, 10 anos de dedicação, é preciso ter algum reconhecimento. Por exemplo, agora eu concluí esse estágio pós-doutoral, vou sair da classe de adjunto e vou pra classe de associado, na minha carreira de magistério eu vou ser Associado N, Associado O, depois titular, são três níveis que eu ainda vou conseguir percorrer, cada nível eu percorro em 2 anos. Portanto, em 6 anos eu fechei minha carreira. Só que eu ainda vou passar 20 anos na universidade, sem ter mais mobilidade de carreira, sem ter mais nenhum incentivo, tu achas que eu vou ter incentivo? Eu estou falando de mim: eu vou poder dizer o meu incentivo é outro, neste caso sem nenhuma demagogia, o meu incentivo é o meu profissionalismo, eu sou profissional e eu vou atuar como profissional. Mas nem todo mundo pensa assim. Então o próprio plano de cargos e carreira precisa ser repensado. Enfim, os problemas são muitos, eu nem sei se eu tenho competência para apresentar todos eles aqui, mas eles precisam ser pensados urgentemente até para tornar essa carreira atrativa para vocês, porque eu saio e vocês é que vão entrar.

VM: Professor, Rubem Alves assevera que: “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, quando ensinamos, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”. Apesar das graves problemáticas que envolvem a educação básica e universitária no Brasil, você concorda com Rubem Alves?

TBL: Para dar uma resposta sobre isso, eu preciso antes me reportar à minha própria vida em família. Eu falei do meu avô materno, mas tem uma outra figura importante na minha formação,

que é a minha avó paterna, ela foi professora das primeiras letras, primeira professora do Monte Castelo, bairro onde ela viveu e morreu. E ela está imortalizada em mim, ela me ensinou muita coisa, mas muita coisa mesmo, do que eu faço hoje.

Às vezes, eu vou tomar lição com o meu filho, estudar com meu filho, e ainda brinco com ele, obviamente eu não faço isso, mas ainda brinco com ele; “vamos estudar a tabuada do jeito que a bivó - ele conheceu minha avó - a bivó fazia comigo, eu vou me sentar na rede com a régua de 50 cm de madeira, cada pergunta errada que tu me deres, eu te dou uma reguada na cabeça”. Isso está imortalizado em mim. Outros elementos, muito mais importantes e muito mais meritórios do que esse, eu incorporei da forma como ela me ensinava as coisas.

A minha professora de alfabetização, professora Rita Garcia, eu ainda tenho relação com ela, uma senhorinha já, deve tá perto os 90 anos, talvez, e o primeiro livro que escrevi, *Imanência Indígena*, ele foi dedicado exatamente à professora Rita Garcia, minha professora de alfabetização e a professora Nildes Alencar, a diretora da escola a qual já me referi aqui nessa nossa conversa. E lá na dedicatória diz: “porque sem vocês eu não teria aprendido a ler e escrever e sem isso eu não teria escrito o livro”. Então elas estão imortalizadas em mim, professores da universidade estão imortalizados em mim. Eu falo com as pessoas: “companheiro e companheira”, “companheiro, não faça isso não”; quem falava isso era Simone Souza, que foi minha professora, eu também já a referi aqui, ela está em mim. Então, não sei se todos querem, mas eu quero que um pedaço meu esteja gravado na memória de cada um dos alunos que passaram por mim. Como eu disse, eu não vim para ser esquecido, que seja um pedaço do professor mais antipático que conheceram, o professor mais “casca dura” que conheceram, o professor mais generoso que conheceram, o professor mais honesto que conheceram, o professor mais sovina que conheceram, não interessa, cada um vai ver de um jeito. Mas que alguma coisa minha fique e que essa coisa ajude essa pessoa a de fato se formar.

JS: Professor, vamos fazer um exercício de imaginação: feche os olhos e se coloque diante do cosmo. Como se sente e se percebe?

TBL: Toda vida que eu faço esse exercício, e eu o faço constantemente... Eu já tive muitos problemas na vida, eu não tenho vergonha de falar sobre os meus problemas, eu tenho vergonha do que eu fiz, não dos meus problemas, de falar sobre isso. Mas toda vida que eu paro para pensar como é que eu me sinto hoje, A formação em casa, ela foi importante para mim, muito importante. Eu era

um menino que sempre minha mãe ia me explicar as coisas, eu dizia: “eu já sei, eu já sei, eu já sei”. Um dia, ela perdeu a paciência e disse: “meu filho, se você já sabe de tudo, eu não preciso mais lhe explicar nada, me desculpe, mas sua vida é muito triste, porque você não precisa mais conhecer nada”. Aí eu demorei um tempo a entender isso e toda vida que eu faço esse exercício que você acabou de me propor, eu me lembro disso. Então sou um cara que está o tempo todo querendo entender as coisas, não só entender as coisas do mundo, mas entender as minhas próprias coisas: por quê que eu sou assim, porque eu ajo desse jeito, porque não é do outro jeito, porque eu preferi ser desse jeito, porque que um dia eu fui daquele.

Nessa perspectiva, a minha resposta é: toda vez que eu fecho o olho e tento me perceber, eu só consigo me colocar na fluidez da história, na constante mudança, nesse fluido mesmo, para ficar na figura que já está colocada no campo das Ciências Humanas, da Filosofia, nesse fluido que é a História. A gente poderia pensar, sei lá, em Heidegger, no está por vir, mas vamos ficar no fluido, que é um pouco menos complicado do que o Heidegger. Ter entendido o que minha mãe me falou quando era pequeno e, constantemente, tentar compreender as coisas e a mim próprio. É isso que me movimenta hoje no cotidiano. Eu sou um cara que gosto da minha família, gosto de fato, muito, será que eu estou sendo um bom pai? Será que eu estou sendo um bom marido? Será que eu estou sendo um bom eu? Porque eu não posso ser bom pai ou bom marido se eu não for um bom eu.

MM: Professor, diante dessas reflexões que o senhor fez agora, nesse exercício de imaginação, considerando o recorte temporal já vivido e o tempo que ainda tens a viver, quem é Tito Barros?

TBL: Eu gostei do recorte temporal já vivido, ou seja, considerando a sua velhice, achei legal, eu vou usar isso com meu pai. Meu pai está com 80 anos, minha mãe, também, com 80 anos, vou usar com ela, o já vivido. Cara, quem é o Tito? Eu não sei, eu acho que eu sou um cara que me dedico às coisas de que gosto, fundamentalmente é isso, isso me resume demais, eu me dedico às coisas de que eu gosto. Então, a História está em mim de uma forma muito marcada, eu não consigo desde há muito, desde há muito mesmo... eu comecei a namorar com a minha esposa, em 2002, ela me conheceu já nessa pegada: eu sou louco por cinema, eu não consigo ir para uma sala de cinema, assistir um filme, sem refletir sobre como que eu posso lidar com aquilo ali na sala de aula, na minha pesquisa, num texto que eu vá publicar; eu não consigo ouvir uma música, eu sou apaixonado por

música, eu não consigo fazer isso... uma literatura, eu sou apaixonado por livro, sem fazer esse tipo de coisa.

Então quem é o Tito? O Tito é um cara que é desesperado pelas coisas que gosta. Para além disso, o Tito é um cara que teve que amadurecer tardiamente, eu diria, tardiamente nos estudos, tardiamente eu amadureci como homem, e aí eu não estou falando como homem hétero cis não, estou falando como homem, ser humano mesmo, amadureci tardiamente. Eu tive uma formação muito patriarcal mesmo, muito machista, também, e isso, obviamente, marcou a minha vida por muito tempo, me ajudou, eu sempre prefiro pensar assim, me ajudou a errar, porque, a partir desses erros, eu consegui ser quem eu sou hoje e eu julgo que sou muito melhor do que o que um dia eu fui, apesar de entender que é um processo de desconstrução contínuo. Muitas vezes eu me pego pensando coisas que, meu Deus do céu, porque que eu ainda penso uma coisa dessas, de lasciar uma situação dessas. Mas pelo menos eu já consigo entender que não deveria pensar tais coisas. Enfim, eu acho que o Tito é isso, eu não consigo me pensar para além daquilo que eu me propus a ser em termos de formação mesmo, acadêmica, em termos de formação política. Essa formação política, ela teve, talvez, um desenvolvimento mais lento que a formação acadêmica, eu acho que é isso. Sabe aquele esquerdo-macho? Por um tempo eu acho que eu fui muito isso aí, o que é uma coisa muito “paia” e tal. Mas hoje eu já consigo não ser um esquerdo-macho, eu acho que isso me satisfaz tanto, conseguir ser uma coisa, talvez, eu vou colocar no talvez, porque eu não vou me avaliar, eu nem tenho competência para me avaliar, então vou deixar talvez, talvez um cara melhor, não sei... De qualquer forma, eu não consigo me ver, repito, eu não consigo me ver para além dessas duas dimensões, da dimensão acadêmica, que é muito cara para mim, e da dimensão política que perpassa tudo, inclusive a acadêmica, perpassa minha condição de pai, perpassa minha condição de esposo, perpassa minha condição de amigo, de filho, de professor, de tudo. Então essas duas dimensões, eu acho que me definem.

MM: *Qual sugestão/conselho você daria para quem decidiu no curso de História?*

TBL: Leia. Não tem o que fazer, cara, não tem o que fazer. Eu sempre digo para os meus alunos, sentar o bumbunzinho na cadeira, esbugalhar os olhos em cima dos livros. não tem para onde correr, este é o único caminho. Eu tenho um problema muito sério com a realidade, que a geração de vocês, a geração do meu filho pior ainda, vivem, que são esses shorts na internet, esses

videozinhos curtos que você pensa que está entendendo alguma coisa, você não está entendendo nada. O conhecimento demanda tempo, e mais do que tempo, o conhecimento demanda dedicação. Então, qualquer pessoa que vai se meter neste ambiente, nesta ciência de *Clio*, neste ambiente que é difícil, porque não é fácil fazer História, alguns campos da História ainda são piores do que outros. Eu vou puxar brasa para a minha sardinha: você imagina o quê que é você ser historiador da antiguidade? Você ser historiador aqui do Brasil, tranquilo, você lê português, os documentos, as fontes estão em português, a realidade é a sua, eu estou simplificando, eu sei que tem uma série de problemas, de dificuldades, de questões. Mas, imagina o que quer ser historiador das antiguidades, um cara do Ceará quer estudar literatura grega; no mínimo, ele tem que aprender o grego, você não vai aprender o grego do dia para noite, você não vai aprender o grego em 15 minutos, é uma coisa que demanda. E você parou de ler, de escrever, de falar, de pensar, você perdeu... É uma coisa que demanda. Então em todos os campos da História, em qualquer recorte temporal, em qualquer recorte social, não existe milagre. Tempo e dedicação, se você não tem isso, você dificilmente vai ser um bom profissional da História. Eu sempre uso o Benjamin como marca, como comprovação disso que eu estou falando. Benjamin me acompanhou no mestrado, eu leio Benjamin desde a graduação, ele é meu livro de cabeceira desde o mestrado, até hoje eu não entendi profundamente os textos dele. Eu consigo ler, eu consigo entender, eu consigo apresentar, eu consigo dialogar, mas toda vida que eu leio Benjamin, isso me faltou, e eu tenho juízo, eu não sou um cara sem formação, eu não sou um cara com pouca leitura, eu não sou um cara... Eu tenho juízo, eu tenho capacidade, é porque é difícil mesmo.

Uma coisa parecida acontece toda vez que eu escuto Pink Floyd. Eu conheço as músicas de trás para frente, de frente para trás, do meio pro começo, do meio para o fim, eu conheço tudo, eu tenho tudo desse pessoal. Aí, toda vida que eu escuto um disco, qualquer que seja, ele tem algum barulho que eu não ouvi, tem algum som que eu não ouvi.

Então a gente tem que estar sempre pronto. Talvez essa seja a questão, a gente tem que estar sempre pronto para desconstruir, inclusive, o conhecimento que a gente acabou de construir: seja porque chegou um conhecimento novo, seja porque aquela teoria está superada, seja porque aquele autor está superado, você tem sempre que estar pronto. Então, isso demanda tempo e dedicação. De que um jovem que entrou no curso de História precisa? De tempo e dedicação. É fácil? É não, porque a realidade social não nos permite tempo e dedicação; não é fácil porque a realidade material e objetiva... eu ainda tenho muito Marxismo dentro de mim, não nos permite tempo e dedicação; não

é fácil porque esse universo das redes sociais, das mídias, não sei o que... eu nem sei falar muito bem sobre isso, porque eu não vivo isso, não nos permite; e, não é fácil porque a indústria cultural, e Frankfurt ainda tá muito forte nessa discussão de indústria cultural, não nos permite porque a indústria cultural não nos dá chance. Nós não somos programados para pensar, para parar, para refletir, nós somos programados para os shorts da internet.